



PASTORAL DA CRIANÇA

Para que todas as crianças tenham vida e a tenham em abundância (Jo 10,10)

Entrevista com Frei Olavo Dotto - Jornada Mundial dos Pobres

Dai-lhes vós mesmos de comer

Na semana de 06 a 13 de novembro de 2022, todos nós somos chamados com momentos de articulação, formação, celebração e gestos concretos em torno da VI Jornada Mundial dos Pobres.

Neste ano, o tema proposto pelo Papa Francisco é “Jesus Cristo fez-se pobre por vós (cf. 2 Cor 8, 9)”. Ele nos convida para uma profunda reflexão e ação evangélica para a solidariedade transformadora junto aos irmãos e irmãs empobrecidos e empobrecidas. E também para nos aprofundarmos na compreensão das causas das desigualdades para uma atuação engajada e profética de transformação dessas realidades.

É de suma importância que para além do gesto concreto proposto pela Jornada deste ano, com os mutirões para arrecadação e doação de alimentos como ação emergencial, as comunidades assumam compromissos concretos de incidência política para que as políticas públicas de segurança e soberania alimentar sejam implementadas de fato no Brasil, conforme é pedido no caderno formativo de articulação da VI Jornada.



ENTREVISTA COM: Frei Olavo Dotto, da Comissão Episcopal Pastoral para a Ação Sociotransformadora da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

Qual é a situação atual da pobreza e da fome no Brasil? Quais são os rostos dos pobres hoje?

O grande desafio que a gente está encontrando hoje é esse aumento da pobreza, aumento da miséria no Brasil. Nós temos hoje, aproximadamente, conforme os dados há pouco divulgados, mais de 33 milhões de pessoas que estão em

situação de fome no Brasil. Mais da metade da população vive alguma situação de insegurança alimentar. Então, é uma situação muito dramática. E os rostos da fome, hoje, são mulheres, são crianças, jovens, negros, indígenas, quilombolas, desempregados, migrantes, refugiados. Esses são os rostos, hoje, que visibilizam a pobreza e a fome no Brasil.

Segundo o Papa Francisco, "ninguém deveria dizer que se mantém longe dos pobres, porque as suas opções de vida implicam prestar mais atenção a outras incumbências". Quais são os perigos da naturalização da situação dos pobres?

Acho que aqui há um convite para nós de que a pessoa, o pobre, o necessitado, a necessitada exige que nós sejamos capazes de ir ao encontro das pessoas. Fazer algo de concreto para ajudar essas pessoas. O pior pecado que nós podemos cometer é, de fato, a gente virar o rosto, nos tornar indiferentes. A gente começar a dizer que a situação do outro não me diz respeito. A pobreza do outro é problema dele. Que não me toca o coração. Então, esse é o grande perigo que nós enfrentamos hoje, da gente naturalizar a situação dos pobres, da gente naturalizar a situação de exclusão social e a gente ir naturalizando e não fazer e não dar nenhum passo para combater essa naturalização nem fazer algo concreto de superação da miséria, de superação da fome.

Quais as consequências para o desenvolvimento das crianças, quando estas vivem numa situação de pobreza, sem ter as condições necessárias e de direito para o seu desenvolvimento?

Veja, as consequências são diretas. Uma criança que não consegue se alimentar bem vai ter um desenvolvimento intelectual e cognitivo insuficiente. Também não vai conseguir se relacionar com as pessoas porque, sobre essa criança e também sobre a própria família dela pesa uma carga de exclusão, de olhar, como se fosse algo diferente, uma pessoa incapacitada. Então, também há uma carga sobre essa criança, uma carga psicológica.

Como nos inspiram as palavras de São Paulo: "Jesus fez-Se pobre por nós", escolhidas como tema para a VI Jornada Mundial dos Pobres?

O Papa Francisco é muito inteligente. Quando ele coloca para a gente, nessa VI Jornada Mundial dos Pobres, o lema "Jesus fez-Se pobre por nós", ele está nos chamando a algo muito concreto. Cristo é uma pessoa muito solidária, que vê e que sente compaixão e quer cuidar das pessoas. Ora, para nós é uma grande provocação para pensarmos no nosso cotidiano, nos nossos ambientes, no estilo de vida que a gente leva. O estilo de vida muitas vezes consumista que não ajuda. E o Papa nos provoca, a partir dessa reflexão sobre o nosso estilo de vida, da gente pensar também no nosso compromisso. O que que eu faço de concreto para com os meus irmãos e irmãs? Ou seja, o compromisso de solidariedade para com as pessoas necessitadas. Então, o Cristo que se fez pobre por nós é isso, Ele se fez pobre, Ele se fez solidário. Foi capaz também de viver a vida e sentir as dores por que passam os pobres, os excluídos. E por Ele sentir essa realidade, Ele se compadeceu e procurou exatamente restabelecer a vida e a dignidade.

Mais uma vez o Papa Francisco insiste que "não se trata de ter um comportamento assistencialista com os pobres, mas que é urgente encontrar estradas novas que possam ir além da configuração daquelas políticas sociais que "concebidas como uma política 'para' os pobres, mas nunca 'com' os pobres". O que está sendo pensado para avançar nesse sentido?

É necessário, sim, a gente assistir a pessoa em situação de vulnerabilidade social. Aquela assistência imediata. A quem está com fome, nós temos que fazer algo de imediato: dar de comer. A quem não tem moradia, a gente faz um mutirão para que essa pessoa possa ter o seu espaço para morar. Enfim, tantas e tantas situações. Agora, a gente não pode ficar totalmente no nosso comportamento assistencialista. A gente, junto com a assistência imediata, tem que se pensar processos de transformação da sociedade. Tem que pensar no âmbito de nossas pastorais, no âmbito da Igreja, mas também nós, pastorais da Igreja junto com os poderes públicos, como que a gente constrói caminhos, como que a gente constrói políticas públicas. Não só políticas para, mas políticas junto com os pobres, com os que se encontram em situação de vulnerabilidade social, em vista de que haja uma transformação das estruturas da sociedade em estruturas mais justas, mais dignas, mais fraternas, solidárias. Mas também é papel nosso pensar

caminhos para chegarmos a essa transformação, caminhos para construirmos uma vida digna. É um tripé, como eu sempre costumo dizer: assistir imediatamente as pessoas em situação de vulnerabilidade social e criar condições, através de políticas públicas e, com esse caminho, transformar as estruturas.

Diante da fome e da insegurança alimentar de milhões de pessoas no Brasil, qual o gesto concreto da VI Jornada Mundial dos Pobres para ajudar a mudar essa realidade?

Que essa Jornada não seja pensada desconectada, por exemplo, da Campanha da Fraternidade, que no ano que vem vai abordar também a temática da fome – Fraternidade e Fome; não podemos desconectar da Semana Social Brasileira; não podemos desconectar da atividade da Cáritas Nacional – Ação Emergencial “É Tempo de Cuidar”. Então, diante dessa situação que a gente vive hoje, do aumento da fome, o que a gente tem motivado? Para que, nos espaços nas paróquias, nas comunidades, nessa VI Jornada Mundial dos Pobres, possam ser feitas ações concretas. Seja organizar um café, um almoço, um bazar. Mas também que a Igreja, nos seus espaços possa, quem sabe, combinar com os sindicatos, com os movimentos populares de fazer um grande dia, um grande gesto e quem sabe, esses grupos possam fazer doações de alimentos, doações de cestas básicas para que os pobres possam, de repente, conhecer esses grupos organizados e para que possam servir, inclusive, de inspiração para eles se organizarem. Enfim, a motivação, o gesto concreto é isso: que nos nossos espaços locais se façam coisas bem concretas em prol dos pobres, desde a distribuição de comida, de roupa, a organização de Rodas de Conversa para as pessoas tomarem consciência da situação, da gravidade da fome no Brasil e, juntos, pensarem em caminhos, na cobrança de institucionalização de políticas públicas nos municípios, no estado.

Qual é a sua mensagem para a VI Jornada Mundial dos Pobres?

A minha mensagem final é isso, da gente aproveitar esse tempo e pensar sobre nós, sobre as nossas atitudes, nosso estilo de vida. Pensar também no âmbito da família, no âmbito das nossas comunidades, o que de fato nós estamos fazendo para amenizar essa situação.

(MENSAGEM) Irmã Veneranda da Silva Alencar, Coordenadora Nacional da Pastoral da Criança.

Como a Pastoral da Criança colabora na eliminação da pobreza?

A pobreza é uma das formas mais graves de violência contra o ser humano e se agrava ainda mais quando atinge as crianças. Infelizmente, a pandemia do novo coronavírus aumentou ainda mais a pobreza no Brasil e no mundo. São milhões de pessoas que sofrem privações e, no momento, precisam de ajuda emergencial. O trabalho dos líderes comunitários é acompanhar as famílias, gestantes e crianças de zero até seis anos de idade, orientando sobre ações básicas de saúde, nutrição e educação, envolvendo especialmente a vigilância nutricional e o desenvolvimento integral da criança, além de outros cuidados. A Pastoral da Criança também se une aos esforços solidários de todas as pastorais sociais e movimentos que lutam por um mundo melhor. Juntos procuramos colocar em prática a opção preferencial pelos pobres assumida por Jesus Cristo na construção da fraternidade universal. A pobreza é vencida pela partilha e, como disse o Papa Francisco: "A solidariedade é isso: compartilhar o pouco que temos com aqueles que não têm nada, para que ninguém sofra."

(TESTEMUNHO) Irmã Ana Soares, Coordenadora Estadual da Pastoral da Criança do estado de Goiás.

Com que medidas práticas a Pastoral da Criança ajuda no combate à pobreza e à fome?

A Pastoral da Criança, desde que nasceu, trabalha com famílias pobres e vulneráveis. Todas as ações da Pastoral da Criança visam a promoção das pessoas e a erradicação da fome e da pobreza. Começou recuperando crianças desnutridas e continua com esse trabalho, sempre mais intenso, de promoção das famílias; incentiva na organização da comunidade para que ela possa caminhar com as próprias pernas; orienta nos projetos de hortas caseiras e hortas comunitárias, etc. Procura também descobrir onde existem comunidades pobres e ali ajuda a implantar a Pastoral da Criança, visando o maior crescimento daquela comunidade. Com as Ações de Visita Domiciliar, Celebração da Vida e Reunião de Reflexão e Avaliação, incentiva as famílias com várias ações concretas. Sonhamos com a erradicação da miséria e da fome e que a própria comunidade seja agente transformadora.